

# A OCORRÊNCIA DE METÁFORAS CONCEPTUAIS NA CONSTRUÇÃO DE POSTAGENS DO GÊNERO DIGITAL BLOG<sup>1</sup>

Marcos Helam Alves da Silva (UESPI)  
marcohelam\_sfp@hotmail.com

## Introdução

No que se refere ao estudo da metáfora, uma virada paradigmática se instituiu. O lançamento do estudo precursor de Lakoff e Johnson, no início da década de 1980, intitulado *Metaphor We Live By*, traduzido para o português com o título de *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002), erigiu a Teoria da Metáfora Conceptual, objetivando desmistificar a visão de que a metáfora seria apenas uma simples figura de linguagem ou um recurso peculiar da feitura poética.

Na proposta de Lakoff e Johnson (1980), a metáfora está presente no nosso sistema conceptual, fazendo-se constituir na linguagem cotidiana e não apenas na linguagem poética, como advoga Aristóteles. A partir de então, a metáfora é entendida como um fenômeno cognitivo constitutivo da linguagem e do pensamento e orientador de nossos pensamentos e ações. Para Berber Sardinha (2007, p. 30) “vivemos de acordo com metáforas que existem em nossa cultura; praticamente não temos escolha; se quisermos fazer parte da sociedade interagir, ser entendidos, entender o mundo etc., precisamos obedecer (‘live by’) às metáforas que nossa cultura nos coloca a disposição”.

Além da significativa importância dada os estudos linguísticos ao erigirem com seu estudo a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), os autores lançam as bases da Linguística Cognitiva, área das Ciências Cognitivas que não considera a língua como um módulo isolado, mas sim como integrante do sistema cognitivo dos seres humanos. Com base nos fundamentos da TMC, elegemos neste estudo o trabalho com a linguagem usada nas postagens dos Blogs, de modo a analisar 20 (vinte) exemplares de postagens de Blog de programas de TV (Vídeo Show e Fantástico) e de celebridades (Angélica e Cláudia Leite), com o objetivo de investigar a ocorrência de metáforas conceptuais na linguagem usada neste gênero.

A pesquisa encontra-se metodologicamente estruturada em dois momentos: um primeiro em que se apresentam as bases da Teoria da Metáfora Conceptual, modelo de grande projeção e norteador deste estudo a partir dos estudos de Lakoff e Johnson (1980) e das releituras de seus postulados realizados por Feltes (2007), Lima, Feltes e Macêdo (2008), Berber Sardinha (2007), Paiva (1998), Ferreira (2008), entre outros. É válido frisar que com esta etapa pode-se vislumbrar o quanto a metáfora tem chamado a atenção de pesquisadores

---

<sup>1</sup> Agradeço a Profa. Dra. Silvana Maria Calixto de Lima (UESPI) a leitura crítica, atenta e as inúmeras sugestões de melhoria.

no Brasil configurando-se como uma área de grande importância dentro dos estudos linguísticos e da cognição.

Em seguida procedeu-se a seleção, análise e discussão do *corpus* com o propósito de analisar e inventariar as conceptualizações metafóricas que são mais recorrentes nas postagens do gênero digital *Blog*. Assim, como se pode perceber no item 2 deste estudo, pode-se ratificar o pensamento de Lakoff e Johnson (1980) ao defenderem que a metáfora é integrante de nossas manifestações linguísticas cotidianas.

## 1. Metáfora: um campo de surpresas fascinantes

Os pressupostos de Aristóteles, filósofo da Grécia Antiga e discípulo de Platão, fizeram-se sentir em diversos campos do saber relacionados à vida social do homem. Diversas de suas ideias forneceram as bases para aprofundamento e solidificação de diversas áreas, entre elas a Política, a Filosofia e a Linguagem.

No que concerne à linguagem, sua contribuição volta-se mais para as manifestações linguísticas de ordem literária. Muitos dos conceitos utilizados pela Teoria da Literatura provem da sua consagrada obra *Poética*; são dele, também, as primeiras reflexões que dão conta da presença da metáfora no discurso poético. Para Aristóteles, a metáfora é um fenômeno em que se usa o “nome de uma coisa para designar outra” (BERBER SARDINHA, 2007, p. 20), sendo uma ocorrência que se dá, na sua visão, apenas na linguagem poética, já que a linguagem do cotidiano deveria ser privada desse uso desviante. Nas palavras de Farias e Marcuschi (2006), para Aristóteles a metáfora “constituía formas inadequadas para falar das coisas, pois as palavras em seus usos desviantes não se aplicavam às coisas de forma apropriada” (p. 21).

A visão aristotélica, considerada por muitos superficial, sobre o fenômeno da metáfora na linguagem foi tomado como uma verdade absoluta por mais de dois mil anos. Por tal razão é comum associarmos a metáfora a: (1) algo peculiar da linguagem poética; (2) instrumento embelezador da linguagem e/ou (3) uma simples figura de linguagem<sup>2</sup>.

É mais precisamente em meados do final da década de 70 e início dos anos 80, com o lançamento do estudo precursor *Metaphors we live by*, de George Lakoff e Mark L. Johnson, que se firmará uma nova direção nos estudos que tratam da metáfora, entendida agora como integrante da nossa vida cotidiana e um mecanismo recorrente da linguagem. Segundo os autores citados,

A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão extraordinária do que de

---

<sup>2</sup> É pertinente ressaltar que em um significativo estudo sobre os Trinta Anos da Metáfora Conceitual, Schröder (2011) aponta que diversas perspectivas de estudo já visualizam a metáfora como bem mais que um recurso para embelezar a linguagem e que até mesmo Aristóteles “já estava plenamente consciente da figuratividade presente quase totalmente em nossa fala” (p. 61).

linguagem ordinária. Mais do que isto, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que pensamento ou ação. Por esta razão, a maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (LAKOFF ; JOHNSON, 1980 [2002], p. 45).

Assim, os autores ressaltam que a metáfora é um fenômeno cognitivo por está presente no nosso sistema conceitual, sendo utilizada amplamente na linguagem do dia a dia e não apenas em uma modalidade linguística específica como previu Aristóteles.

Evidente que essa perspectiva ainda tem sabor de novidade nos centros de formação que se voltam para o estudo científico da linguagem e na opinião de Farias e Marcuschi (2006), ainda prevalece “que questões relacionadas a metáfora e a metonímia não sejam percebidas como integrantes da linguagem diária nem como pertencentes aos mais variados tipos de discurso nem muito menos como mecanismo cognitivo de organização do conhecimento” (p. 12).

Mesmo assim esta nova configuração tem orientado diversos estudos de ordem acadêmica, isso porque, além de configurar a metáfora como um mecanismo linguístico conceitual, a proposta de Lakoff e Johnson contribui para erigir a Teoria da Metáfora Conceitual, base da Linguística Cognitiva que visualiza a linguagem em contínua interação com as demais faculdades mentais. Na visão de Ferrão (s.d., p. 01) “[...] a Linguística Cognitiva surgiu da crítica aos paradigmas estruturalistas e generativistas<sup>3</sup>, que encaravam a linguagem como sistema autônomo e descreviam a realidade em termos das categorias discretas”.

Segundo a autora, ao negar a autonomia do fenômeno linguístico, a Linguística Cognitiva postula que a linguagem interage com os outros mecanismos mentais, constituindo-se um campo interdisciplinar ou multidisciplinar com o propósito de aprofundar os conhecimentos acerca da cognição humana.

Na perspectiva de Lakoff e Johnson, a metáfora é primeiramente um fenômeno cognitivo, por está presente no nosso sistema conceitual, somente depois, dada a nossa necessidade linguística, ela passa a ser uma questão ligada a palavras.

Ainda sobre a presença da metáfora na cognição humana, os autores apontam que o ser humano representa através de expressões metafóricas inúmeros conceitos, de forma automática, a partir da interação diária e de forma inconsciente, o que pode nos dar a falsa

---

<sup>3</sup> O paradigma Estruturalista, que tem como pressuposto fundamental a teoria formulada por Ferdinand de Saussure, presente em sua obra póstuma denominada Curso de Linguística Geral (1916), não focaliza a interação entre a língua e o seu redor, já que a língua deveria ser estudada em sua imanência, ou seja, naquilo que é peculiar a ela, excluindo-se os fatores “extralinguísticos”, os atos de fala. O paradigma Gerativo de Noam Chomsky aborda a linguagem como um mecanismo autônomo que não interage e é independente das demais faculdades mentais.

impressão de que podemos viver sem usar expressões metafóricas para externar o que sentimos. Berber Sardinha (2007) assim pontua,

Metáforas conceituais são convencionais, quer dizer, são inconscientes (no sentido de que não damos conta de que as usamos e não no sentido freudiano, de reprimidas). Elas não parecem metáfora, no sentido tradicional (de uma figura de linguagem deliberada, usada para enfeitar, para fazer um truque de linguagem). Assim, elas se confundem com o senso comum; pensar que a relação amorosa a dos é como uma viagem seria natural na nossa cultura (ocidental, capitalista, monogâmica etc.), pois nos referimos a essas relações com expressões corriqueiras, comuns, do tipo ‘a gente se cruzou e resolveu seguir a vida juntos’, ‘a gente deu um tempo e achou melhor cada um seguir seu próprio caminho’ etc. (BERBER SARDINHA, 2007, p. 33).

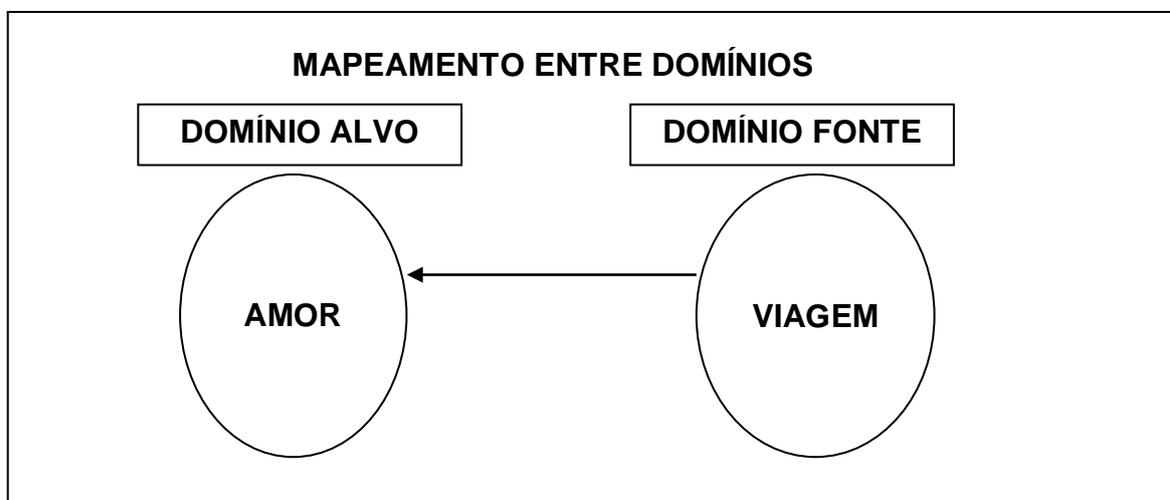
É válido ainda destacar que as metáforas conceituais são culturais, ou seja, resultam da ideologia dos povos. Na opinião do autor acima citado, “elas refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas, construídos em determinadas culturas” (IBID, p. 33). Assim, existem culturas, como por exemplo, a nossa, que contextualizam a vida como: A VIDA É UMA JORNADA, a morte como: A MORTE É UMA VIAGEM, ou PESSOAS SÃO OBJETOS, quando dizemos que uma pessoa é uma mala, tão comumente empregada na linguagem cotidiana e encontrada no *corpus* que adiante apresentaremos e analisaremos. Segundo Lima, Feltes e Macedo (2008, p. 129), “uma metáfora conceitual é, portanto, uma construção cognitiva, baseada nas experiências culturais vividas; são um modo de construção de conhecimento na forma de um mapeamento entre domínios de conhecimentos (...)”

Lakoff e Johnson (2002) afirmam que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (p. 47-48), assim a metáfora consiste num mapeamento sistemático entre dois domínios conceituais que são: o domínio-fonte e o domínio-alvo. O primeiro (mais físico) é a fonte das inferências, o segundo (mais abstrato) é onde as inferências se aplicam. Ainda na visão das autoras,

O aprendiz pode expressar suas ideias e sentimentos através de metáforas conceituais: mapeia dois domínios: o domínio-alvo, uma categoria ou conceito mais abstrato que ele busca entender; e o domínio-fonte, as categorias ou conceitos que ele compreende a partir de alguma experiência mais direta, em geral de base perceptual, a qual organiza tal domínio-fonte (LIMA; FELTES ; MACÊDO, 2008, p. 128).

Portanto, a Metáfora Conceptual é assim denominada em virtude de conceptualizar alguma coisa. Por exemplo, quando dizemos que o AMOR É UMA VIAGEM, tal conceptualização somente torna-se possível porque o conhecimento que temos armazenado em nosso aparato cognitivo sobre a Viagem (evento mais físico) serve para entendermos o outro domínio conceptual Amor (mais abstrato), visto que quando amamos é comum utilizar-se das experiências “cotidianas com viagens para conceptualizar o amor em termos de

trajetória, partida, despedida e chegada” (FERREIRA, 2008, p. 266). O mapeamento é estruturado dessa forma:



**Figura 1: Mapeamento entre domínios: Metáfora Conceptual – AMOR É UMA VIAGEM.**

Na parte que segue, apresentaremos a seleção, sistematização e discussão das metáforas conceptuais mais recorrentes no *corpus* analisado.

## **2. Análise do *Corpus*: as ocorrências metafóricas nos *Blogs***

Antes de mais nada, é necessário caracterizar o *corpus* da pesquisa. Os avanços tecnológicos em que estão inseridos o uso do computador e da internet têm revolucionado muitas áreas e dentre elas se encontra os gêneros textuais. Nessa perspectiva inúmeros gêneros novos surgiram e muitos outros foram recriados a partir de um já existente, como é o caso do Blog.

Os Blogs se assemelham bastante aos diários pessoais, porém como todo e qualquer gênero “transmutado” do papel para o domínio virtual apresenta características próprias como a convivência de inúmeras semioses (KOMESU, 2010). De acordo com a autora, essa ferramenta possui grande popularidade devido à simplicidade de manuseio e ainda por ser gratuita e amplamente utilizada tanto por pessoas anônimas como por celebridades.

Por isso, torna-se pertinente a sua análise visto que se os textos lá vinculados são extratos da vida cotidiana das pessoas que os escrevem e que inconscientemente conceptualizam através de inúmeras metáforas eventos mais abstratos a partir de sua experiência corpórea e interação com o mundo.

A seguir apresentam-se algumas das metáforas conceptuais que são mais salientes nas postagens dos Blogs.

Texto 1:

Oi, pessoal,  
Tudo bem?

**Passando aqui** para contar que semana passada entrevistei a gravidíssima atriz Danielle Winits. Ela está muito feliz e, claro, ansiosa para a chegada do segundo filho. Eu acompanhei um dia de cuidados dela, que incluiu exercícios de pilates, aula de ioga, hidroginástica... Não é porque está grávida que não pode manter a forma, não é mesmo?

Ao final do encontro eu também a presenteei com uma bolsa cheia de “mimos” para o neném! Perdeu a matéria? Então assista aqui!

Um beijão!

FONTE: <http://videoshow.globo.com/platb/equipevideoshow/page/4/> com acesso em 20 fev. 11 as 13:45h (Destaques nossos)

Texto 2:

Oi, galerinha!  
Tudo bem?

**Passei aqui** só pra dizer que as gravações do Vídeo Game estão a todo vapor!

Em breve vocês vão poder conferir as convidadas superbacanas que eu recebi para mais uma semana de disputa!

Um beijo grande

Angélica

FONTE: <http://videoshow.globo.com/platb/equipevideoshow/page/5/>, com acesso em 20 fev. 11 as 13:50h. (Destaques nossos)

Nas postagens dos *Blogs* em análise, uma das mais pertinentes é a metáfora BLOG É ESPAÇO FÍSICO. O “passando por aqui” ou “passei aqui” servem para dar a orientação espacial e ainda para demarcar os encontros que os *blogueiros* mantêm com aqueles que os acompanham. A utilização das expressões nada mais é do que uma prática de linguagem utilizada por nós cotidianamente para demarcarmos o momento em que estivemos presentes em algum lugar, nesse caso no blog (lugar não físico).

Texto 3:

Faaaala, galera!

O meu amigo Pimpinela, interpretado pelo Nando Cunha em Araguaia, está precisando dar um tapa no visual. O cara tenta a todo custo conquistar a Nancy, papel de Mariana Rios, mas a missão não está nada fácil.

Por isso, eu resolvi **ajudá-lo nesta empreitada!** Sugeri que ele colocasse uma roupa bem estilo anos 70 e usasse uma peruca *black-power*. Vocês gostaram do novo Pimpinela? Será que assim ele vai conseguir ganhar o coração da Nancy? A matéria ficou superlegal. Perdeu? Assista aqui!

Abraços,

Bruno De Luca

FONTE: <http://videoshow.globo.com/platb/equipevideoshow/> com acesso em 20 fev 11 as 13:25 h.

Uma outra metáfora conceptual presente no texto 3 é O AMOR É UMA EMPREITADA, dentro da metáfora mais específica RELACIONAMENTOS AMOROSOS SÃO UMA JORNADA. Essa conceptualização é utilizada tanto na linguagem falada com na linguagem escrita e amplamente utilizada na Poesia, por exemplo. A conceptualização realizada através desta metáfora destaca os avanços e as dificuldades dos relacionamentos amorosos através das dificuldades e avanços de uma jornada.

As conceptualizações metafóricas sobre o Amor são inúmeras e variam de cultura para cultura ,como ratifica Kövecses (1996, p. 79 *apud* FELTES 2007, p. 246),

Talvez a melhor coisa que podemos fazer é admitir que AMOR é um conceito difícil de definir em termos de traços inerentes e cuja definição pode depender de fatores, tais como: a visão de mundo de alguém ou de uma subcultura, ou do modo de definição.

Texto 4:

A telespectadora Patrícia Adelaide da Silva foi a grande vencedora da promoção VÍDEO SHOW na sua Casa! Moradora de Senhor do Bonfim, na Bahia, o sonho dela era jogar uma partida do nosso jogo com Caio Castro. “Porque ele não está sabendo **jogar no amor em Ti-ti-ti**. Como já diz o ditado: azar no amor, sorte no jogo. Ele é um fofo, vou ganhar para jogar muito com minha família.”

Parabéns, Patrícia!

FONTE: <http://videoshow.globo.com/platb/equipevideoshow/> com acesso em 20 fev. 11 as 13:25h.

Na metáfora conceptual O AMOR É UM JOGO, identificada no exemplo acima, temos como domínio-alvo: amor e domínio-fonte: jogo. Conforme explica Ferreira (2010) em um estudo que visa verificar como o conceito de amor é apresentado midiaticamente aos jovens, no caso da metáfora O AMOR É UM JOGO “os jogadores são o namorado e a namorada. Eles podem estar no mesmo time, buscando uma diversão em conjunto, ou em times adversários, competindo entre si; nesse caso, o objetivo é ganhar do outro” (p. 580). No caso da metáfora em destaque na postagem do Blog, o objetivo era através de uma partida de jogo fazer o personagem do ator Caio Castro atentar para as táticas amorosas para conquistar a afeição de sua pretendente na novela. Esta metáfora é bastante recorrente na linguagem

cotidiana e existem outras metáforas que também utilizam o jogo para conceptualizar eventos como a vida, no caso da metáfora a VIDA É UM JOGO.

Texto 5:

Oi gente!

Olha só com quem eu esbarrei aqui na redação do Vídeo Show: Ana Furtado! Apesar de gravarmos o programa juntas, **o nosso cotidiano é uma correria!** Aproveitei pra colocar o papo em dia e não podia deixar de registrar esse momento.

Deixo aqui o meu desejo de um ótimo fim de semana para todos!!!

Beijos!

FONTE: <http://videoshow.globo.com/platb/equipevideoshow/page/5/> acesso em 20 fev. 11 as 13:50h.

No trecho destacado do texto 5, há a conceptualização metafórica A VIDA É UMA JORNADA. Trata-se de uma metáfora conceptual de grande recorrência em textos que se materializam nos mais diversos gêneros textuais, e no Blog não poderia ser diferente. Esta metáfora tem despertado o interesse de inúmeros estudiosos da Teoria da Metáfora Conceptual (FELTES, 2007), como Lakoff e Turner (1989), Kövecses (1991). Claro que cada autor apresenta esta metáfora vinculada as suas bases culturais. No geral a vida é assim conceptualizada por se assemelhar a uma jornada, um caminho a percorrer e possuir “objetivos e metas a serem atingidos” (ESPÍRITO SANTO, 1998, p. 85). Nesses licenciamentos metafóricos os objetivos são postos como metas e meio para que se possa atingir os objetivos ou caminhos que se irá percorrer durante a vida.

Texto 6:

Quem acompanha a novela Insensato Coração sabe que a tia Neném é uma verdadeira **mala sem alça!** Difícil achar alguém mais chatinha que ela, não concordam? Pensando nisso, o VÍDEO SHOW resolveu premiar a sua intérprete, a atriz Ana Lúcia Torre, com o nosso Troféu Mala! É claro que se trata apenas de uma brincadeirinha, mas muito divertida. E a malinha é uma graça!

FONTE: <http://videoshow.globo.com/platb/equipevideoshow/page/5/> acesso em 11 out. 11 as 16:25 h.

A expressão **mala sem alça**, no texto 6, é licenciada pela metáfora PESSOAS SÃO OBJETOS e tem grande recorrência na linguagem do dia a dia. É muito comum na linguagem corriqueira diária tratarmos pessoas “inconvenientes”, “indesejadas”, “de difícil convivência” e “chatas” como “mala sem alça”, objeto cuja função é transportar roupas e demais utensílios. Segundo Dell’Isola (1998),

A expressão remete à imagem de uma mala (objeto que seve para transporte de roupas e objetos de viagem) desprovida de alça (aselha ou puxadeira para levantar, puxar alguma coisa – no caso, a mala –

usualmente em forma de arco, alça é feita especialmente para agarrar ou segurar). Os leitores uma imaginam a dificuldade que uma pessoa enfrenta para carregar uma mala sem alça, e, metaforicamente, a dificuldade de se suportar um mala-sem-alça (DELL'ISOLA, 1998, p. 48).

## Conclusão

A proposta de Lakoff e Johnson (1980) afirma que a metáfora é um recurso cognitivo do dia a dia, do cotidiano e transcende em muito o proposto por Aristóteles. Ao analisar textos materializados no gênero textual Blog, discurso que se manifesta através de nossas interações sociais e cognitivas com o mundo, compreende-se a metáfora como uma operação cognitiva do ser humano que constitui o seu pensamento e ação de forma consciente e inconsciente.

As diversas conceptualizações metafóricas no *corpus* analisado mostram o quanto à cognição humana, a partir das experiências corpóreas e das manifestações culturais, são responsáveis por produzir diversos novos significados.

## Referências Bibliográficas

BERBER SARDINHA, Tony. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. A Metáfora e seu Contexto Cultural. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Metáforas do Cotidiano*. Belo Horizonte: Ed. Do Autor, 1998.

ESPÍRITO SANTO, Rosana Silva. Morte: uma jornada por várias obras. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Metáforas do Cotidiano*. Belo Horizonte: Ed. Do Autor, 1998.

FARIAS, Emília Maria Peixoto; MARCUSCHI, Luiz Antônio. A metáfora das cores na língua e no pensamento. In: PINTO, Abuêndia Padilha. (org.). *Tópicos em Cognição e Linguagem*. Recife: Editora Universitária (UFPE), 2006.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPURS, 2007.

FERREIRA, Lucia Corrêa. A Teoria da Metáfora Conceptual Revisitada. *Revista Intercâmbio*, Volume XVII: 265-280, 2008. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x.

FERREIRA, Ana Paula. *As metáforas do Amor em Revistas para Adolescentes*. Disponível em [http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_1/574-583.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/574-583.pdf) com acesso em 29 ago. 12 as 22:51 h.

FERRÃO, Maria Clara Teodoro. *Teoria da Metáfora Conceptual: Uma Breve Introdução*. Disponível em <http://www.pessoal.utfpr.edu.br/paulo/metafora%20conceptual.pdf> com acesso em 29 ago. 12 as 22:55 h.

KOMESU, Fabiana Cristina. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs). *Hipertexto e Gêneros Digitais: novas forma de construção de sentido*. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP. Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LIMA, Paula Lenz Costa; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; MACEDO, Ana Cristina Pelosi de. *Cognição e Metáfora: A Teoria da Metáfora Conceptual*. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARIAS, Emília Maria Peixoto. *Cognição e Linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul – RS: EDUCS; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Fenômenos da Linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *A Metáfora e seu Contexto Cultural*. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Metáforas do Cotidiano*. Belo Horizonte: Ed. Do Autor, 1998.

SCHRÖDER, Ulrine Agathe. *Trinta Anos da Teoria Conceptual da Metáfora: uma retrospectiva crítica*. Campinas: Cadernos de Estudos Linguísticos, Jan/Jun. 2011.